

Aspectos sociolinguísticos presentes no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga” de Guimarães Rosa: reflexões e possibilidades de uso em sala de aula

Sociolinguistic aspects present in the short story “A hora e a vez de Augusto Matraga”, by Guimarães Rosa: reflections and possibilities of use in the classroom

Luciane Barros da Silva Alves*

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
Imperatriz, Maranhão, Brasil

Maria da Guia Taveiro Silva**

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
Imperatriz, Maranhão, Brasil

Gilberto Freire de Santana***

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
Imperatriz, Maranhão, Brasil

Resumo: Este estudo analisa os aspectos sociolinguísticos presentes no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, escrito por Guimarães Rosa. A discussão baseia-se, principalmente, nos estudos de Bortoni-Ricardo (2004; 2021) e Coelho et al. (2015). Adota uma abordagem metodológica qualitativa e interpretativa, conforme os parâmetros de Creswell (2021), sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista. A princípio, o estudo observa que a fala do narrador e a dos personagens pertencem a diferentes contínuos linguísticos. Ainda dentro da fala dos personagens, há mudanças de acordo com o papel social que eles exercem. Por exemplo, há o uso constante de verbos no modo imperativo por parte dos personagens Nhô Augusto e Major Consilva, representantes de figuras de poder político-econômico. A narrativa também apresenta as seguintes variações linguísticas: síncope, “prótese do a” e metátese. O estudo conclui que o conto estabelece conexões entre Literatura e Sociolinguística, oferecendo ricas possibilidades para o ensino de Língua Portuguesa. A pesquisa se justifica por fomentar reflexões e por permitir a identificação de aspectos sociolinguísticos aplicáveis ao ensino de Literatura.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Literatura. Sociolinguística.

Abstract: This study analyzes the sociolinguistic aspects present in the short story "A hora e a vez de Augusto Matraga," written by Guimarães Rosa. The discussion is based primarily on the studies of Bortoni-Ricardo (2004; 2021) and Coelho et al. (2015). It adopts a qualitative and interpretative methodological approach, following the parameters of Creswell (2021), from the perspective of Variationist Sociolinguistics. Initially, the study observes that the narrator's speech and that of the characters belong to different linguistic continua. Even within the characters' speech, there are changes according to their social roles. For example, there is the constant

* Mestranda em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. Email: luciane.alves@uemasul.edu.br

** Docente do mestrado em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. E-mail: maria.silva@uemasul.edu.br

*** Docente do mestrado em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. E-mail: gilbertosantana@uemasul.edu.br

use of imperative verbs by the characters Nhô Augusto and Major Consilva, representatives of figures of political and economic power. The narrative also presents the following linguistic variations: syncope, "prothesis of the a" and metathesis. The study concludes that the short story establishes connections between literature and sociolinguistics, offering rich possibilities for teaching Portuguese. The research is justified by fostering reflection and enabling the identification of sociolinguistic aspects applicable to literature teaching.

Keywords: Guimarães Rosa. Literature. Sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

As inter-relações entre a Sociolinguística e a Literatura são pontos de contato possíveis, que podem contribuir para a construção de uma rica gama de reflexões e diálogos. A Sociolinguística, sendo “uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos” (Coelho *et al.*, 2015, p. 12), possui uma vasta área de abrangência, tendo em vista a abrangência das próprias manifestações linguísticas, que ocorrem dentro de todas as esferas sociais. Já a Literatura, enquanto espécie do fazer artístico, que se utiliza da linguagem para criar universos ficcionais e espaços de reflexão, é permeada por diversos aspectos sociais.

Assim, a linguagem permeia os mais diversos espaços, inclusive o espaço do texto literário. Sendo o texto literário uma manifestação criada na e pela linguagem, também é passível de ser analisado à luz das teorias linguísticas. As escolhas linguísticas feitas por um autor e as significações decorrentes destas repercutem na compreensão de uma obra. A forma como os personagens utilizam, se relacionam e concebem a linguagem é manifestação linguística que não se furta dos aspectos sociais, podendo ser analisada à luz da Sociolinguística.

Partindo dessa compreensão, o presente estudo tem como objetivo analisar aspectos sociolinguísticos presentes no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, que integra a obra “Sagarana” (2001), de autoria do consagrado escritor mineiro João Guimarães Rosa. Objetiva-se, ainda, apresentar possibilidades de uso deste conto em sala de aula, de modo a contribuir para uma melhor compreensão sobre o fenômeno da variação linguística e sua ocorrência dentro do campo literário.

Para tanto, esse estudo foi desenvolvido, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa e interpretativa, nos termos de Creswell (2021, p. 209), sob a *lente teórica* da Sociolinguística Variacionista. A discussão teórica proposta tem como embasamento principalmente estudos de Bortoni-Ricardo (2004; 2021) e Coelho *et al.* (2015). Estes autores apresentam conceitos teóricos relacionados à Sociolinguística e possibilitam identificar no texto literário a presença das questões sociais envolvendo o uso da linguagem, por parte do narrador e dos personagens.

Dessa forma, evidencia-se que quando se fala nas relações entre Literatura e Sociedade, por consequência, as questões sociais relativas ao uso da linguagem também serão contempladas. Assim, o texto literário é um ponto de partida para o trabalho com a Sociolinguística em sala de aula, assunto sobre o qual também se discorre nesse estudo.

2 SOCIOLINGUÍSTICA E LITERATURA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

O conto “A hora e a vez de Augusto Matraga” faz parte de “Sagarana”, a primeira obra publicada por Guimarães Rosa. A linguagem utilizada pelo autor chama a atenção pelo uso de diversos recursos, como a utilização abundante de figuras de linguagem, neologismos e musicalidade. Para Morais e Costa (2021, p. 358), além dessa inventividade para com o uso da linguagem, na obra rosiana também é possível perceber “um tratamento peculiar das relações sociais”, as quais acabam ficando em “segundo plano na crítica literária, que costumeiramente se compraz com o estudo do mito, da metafísica, do arsenal clássico presente nos textos e outros expedientes”.

Em relação ao trabalho de construção vocabular desempenhado por Rosa, Bosi (2006, p. 430) aponta que “[...] como todo artista consciente, Guimarães Rosa só inventou depois de ter feito o inventário dos processos da língua”. Dessa forma, o autor realizou um trabalho de recriação da linguagem popular utilizada nos sertões mineiros por meio do fazer literário, criando na Literatura um espaço que manifesta, dentre outros aspectos, conflitos e questões sociais presentes na sociedade brasileira. Tais contradições sociais e políticas podem ser bem percebidas no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”.

O conto narra acontecimentos da vida de Augusto Esteves, conhecido como Nhô Augusto, filho único do Coronel Afonso Esteves e que, ainda criança, tornou-se órfão de mãe. Apesar de seu pai possuir “fazendas e riquezas”, foi negligente para com o filho, sendo criado pela avó. O menino, contudo, ignorou a doutrina religiosa ofertada pela avó e cresceu “à louca e à larga”, vivendo de modo libertino e ignorando qualquer tipo de regra.

Nhô Esteves cometeu desde adultério até assassinato, porém após passar pelos reveses de ser abandonado pela esposa e pela filha, sofrer prejuízos econômicos e desvantagens políticas; ele sofre uma tentativa de assassinato ordenada por seu rival, o Major Consilva. Em seguida, Nhô Esteves é socorrido por um casal de negros, que cuidam de seus graves ferimentos até a sua recuperação. Além disso, ele recebe a visita e o conselho de um padre, que lhe orienta e lhe convence a traçar o caminho da conversão. Nhô Esteves, assim, deixa de lado seu ímpeto de fazer maldades e busca remissão, por meio de uma vida simples, abnegada e servil.

Para tratar dos aspectos sociolinguísticos inseridos dentro desta narrativa, *a priori*, se recorre ao conceito de *domínio social* e ao de *papéis sociais*, apresentados por Bortoni-Ricardo (2004). Um domínio social é “um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos *papéis* sociais. Os *papéis* sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 23).

Em se tratando de *papéis* sociais, nas obras percebe-se que o narrador é aquele que possui o poder da palavra e o papel social de mediar tanto o discurso como o contato entre leitor e personagens. Dessa forma, o narrador demonstra pertencer a um domínio social distinto, o que justifica a utilização de uma variação linguística mais próxima da norma culta. Tal distinção pode ser verificada ao se observar a sua linguagem: “Dionóra amara-o três anos, dois anos dera-os às dúvidas, e o suportara os demais. [...]”. Observe-se também que o uso da norma culta distancia ainda mais esse narrador da realidade presente no conto.

A linguagem do narrador de “A hora e a vez de Augusto Matraga”, assim, é diferente da linguagem do narrador de “Grande Sertão: Veredas”, por exemplo. No romance rosiano o narrador participa do domínio social sertanejo, possuindo o papel social de ex-jagunço, o qual narra a sua própria história de vida. Sua linguagem, portanto, é semelhante à dos demais personagens da história, sendo mais oralizada, fator que permite observar a sua aproximação dos fatos narrados.

Os níveis de formalidade exemplificados nas duas obras citadas dizem muito sobre a posição social do sujeito que discursa. Enquanto em “Grande Sertão” tem-se um narrador-personagem com baixo nível de escolaridade, que sujeita a sua língua materna ao seu fluxo de pensamentos e reflexões sobre a própria existência, recriando-a a ela e aos seus profundos dilemas, por meio da palavra, no conto em análise tem-se um narrador observador, que relata a história mantendo um certo distanciamento.

Não obstante, apresente uma linguagem mais monitorada e formal, a fala do narrador do conto se utiliza de termos que pertencem à oralidade, como pode ser percebido nas citações: “chamou a preta, mulher do preto que morava na *boca do brejo*”; “e o preto foi cortar padieiras e travessas, para um esquife, enquanto a preta procurava um *coto* de vela [...]” (Rosa, 2001, p. 376). A aproximação da cultura oral também pode ser percebida por meio de alusões a expressões populares, como “capiau”, “mal-e-mal” e “bate-paus”.

Essa aparente contradição pode ser justificada a partir da hipótese de que esse narrador transita entre distintos grupos sociais, de modo que, mesmo que tenha adquirido uma variante mais urbanizada, mantém traços da linguagem ruralizada como uma espécie de busca por identificação e pertencimento em relação à história narrada. Tal complexidade demonstrada na linguagem do narrador aponta para a habilidade de Guimarães Rosa de construir narrativas instigantes e complexas, cada uma com aspectos próprios, as quais podem gerar ricas análises e reflexões.

Pela aproximação das falas do narrador com uma linguagem popular e interiorana, é possível perceber traços da linguagem *rurbana*¹. Isso ocorre porque “como qualquer outra variedade, a variedade culta também apresenta variações [...]” (Coelho *et al.*, 2015, p. 15). Cabe observar também que os contínuos não são engessados, e que “no contínuo de urbanização não existem fronteiras rígidas que separem os falares rurais, rurbanos ou urbanos. As fronteiras são fluidas e há muita sobreposição entre esses tipos de falares (por isso mesmo, falamos em um contínuo)” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 53).

Em relação à fala dos personagens em “A hora e a vez de Augusto Matraga”, estes têm como característica marcante a presença de *marcas de oralidade* e ocorrência de *supressão linguística*, conforme será analisado nas próximas seções. Já o maior monitoramento da fala do narrador pode ser percebido a partir de elementos como o uso do pretérito *mais-que-perfeito* e de *ênclises*, por exemplo.

Portanto, a linguagem do narrador flutua dentro daquilo que Bortoni-Ricardo (2004) chama de *contínuo de urbanização*, pois demonstra sofrer a influência da codificação

¹ As comunidades *rurbanas* são “comunidades urbanas de periferia, onde há forte influência rural na cultura e na língua” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 65).

linguística letrada, ao mesmo tempo, em que apresenta traços do falar popular. A esse respeito, a autora afirma que “se tomarmos o contínuo de urbanização como uma metodologia para análise, podemos situar qualquer falante do português brasileiro em um determinado ponto desse contínuo, levando em conta a região em que ele nasceu e vive” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52).

O conto em análise, portanto, apresenta uma mistura de variantes que ocorrem de modo dinâmico dentro de um mesmo contínuo, por não serem estanques. A fala do narrador, embora utilize a variante culta de forma predominante, não se furta de marcas de oralidade e expressões coloquiais, colocadas de modo estratégico, e que, apesar de manter um distanciamento da linguagem utilizada pelas personagens, conservam certa aproximação de cunho identitário, em relação ao contexto da história. Essa aproximação identitária do narrador também pode ser percebida por meio do uso de diversas frases e ditos populares.

A fala dos personagens, em contrapartida, mesmo estando voltada para características mais rurais, também apresenta diferentes níveis de formalidade, de acordo com o contexto e o papel social daquele que está pronunciando a palavra. Assim, dentro do *continuum* linguístico de menor monitoramento, onde se encontram os personagens, é possível observar ocorrência de variação, conforme a posição social ocupada por cada personagem, de modo que a linguagem utilizada entre os personagens apresenta uma assimetria de acordo com a posição que cada um assume no sistema de poder vigente.

No topo dessa relação, estariam os coronéis, líderes políticos e jagunços, os quais representam o grupo que detém o poder político e econômico. Na base da pirâmide, estariam as mulheres, as crianças e os trabalhadores, que representam o grupo dos dominados dentro das relações de poder em voga. Tomando como exemplo personagens pertencentes a cada um desses grupos sociais, a seção a seguir apresenta uma análise das marcas linguísticas que indicam relações de poder dentro da estrutura da narrativa.

3 UMA ANÁLISE DA FALA DOS PERSONAGENS DE ACORDO COM OS PAPÉIS SOCIAIS EXERCIDOS

O conceito de domínio social, conforme explicitado anteriormente, auxilia na compreensão da variação e dos usos linguísticos dos personagens de acordo com sua posição social. Para aplicar esse conceito no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, será feita uma análise a partir das falas de personagens que representam o poder político e econômico, representando, assim, o papel de dominadores nas relações sociais (Nhô Augusto e Major Consilva), assim como da fala de personagens que representam os dominados dentro de tais relações, como mulheres, crianças e funcionários dos coronéis (Dionóra, Mimita e Quim).

Em relação à fala de Nhô Augusto, ainda que utilizando linguagem *oralizada*, é possível perceber pistas linguísticas que sugerem relações de poder e dominação. O fato de ser do sexo masculino e de pertencer a uma classe social privilegiada, somado a uma educação com ausência de limites, pode estar relacionado aos comportamentos autoritários do personagem, os quais podem ser percebidos, inclusive, no modo como ele se expressa e se relaciona com os demais personagens.

Considerando o contexto machista em que se passa a história, dentro do relacionamento marido/esposa, a mulher assume um *papel social* passivo, sem possuir voz ativa dentro da relação e sendo subjugada ao domínio do marido. Como exemplo de silenciamento desse segmento da sociedade, tem-se Dionóra, a esposa de Nhô Augusto.

O relacionamento entre Nhô Augusto e a esposa, Dionóra, é marcado pela falta de afeto e consideração, conforme pode ser percebido no trecho que se passa na véspera de uma viagem de Dionóra, em que este, além de ter estado com outra mulher anteriormente, ainda despreza o pedido da esposa, recusando-se a vê-la e a atender às suas demandas:

Lá em baixo, esbarrou com o camarada, que trazia recado de dona Dionóra: que Nhô Augusto voltasse, ou ao menos desse um pulo até lá – à casa dele, de verdade, na Rua de Cima, porque ainda havia muito arranjo a ultimar para a viagem, e ela – a mulher, a esposa – tinha uma ou duas coisas por perguntar... Mas Nhô Augusto nem deixou o mensageiro acabar de acabar: – Desvira, Quim, e dá o recado pelo avesso: eu lá não vou!... Você apronta os animais, para voltar amanhã com siá Dionóra mais a menina, para o Morro Azul. Mas, em antes, você sobe por aqui, e vai avisar aos meus homens que eu hoje não preciso deles, não (Rosa, 2001, p. 367-368).

Ao não deixar o mensageiro finalizar sua fala, e, ainda, respondê-lo com o uso de verbos no modo imperativo, como em “desvira”, “dá o recado pelo avesso”, “você apronta os animais” e “você sobe por aqui”, o personagem demonstra exercer o papel de dominador dentro daquela relação social. De um lado, o empregado, que mal consegue terminar a sua fala. De outro, o patrão, que o interrompe e lhe dá ordens de modo autoritário, utiliza abundantemente verbos no modo imperativo. Tais características linguísticas denotam a diferenciação entre os papéis sociais de patrão/empregado.

Em contraste com o tom imperativo do patrão, a fala do recadeiro Quim sugere um tom de receio e temor em relação à reação do patrão, que pode ser observado quando o funcionário se dirige a Nhô Augusto para informar que sua esposa fugiu com outro e que os capangas não poderiam auxiliá-lo na vingança, pois agora estavam trabalhando para o Major Consilva, que estava oferecendo um pagamento melhor: “foi se encostando de medo que ele entrou”; “e tremeu mais”; “gaguejou suas poucas palavras”; “– mal em mim não veja, meu patrão Nhô Augusto”.

Note-se ainda que Nhô Augusto não menciona o nome de sua filha de dez anos, Mimita, referindo-se a esta somente como “a menina”. Ao não se referir à filha pelo nome, Nhô Augusto demonstra um distanciamento maior ainda para com esta. A expressão “a menina” é reforçada no trecho a seguir: “E em casa, sempre fechado em si. Nem com a *menina* se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior” (Rosa, 2001, p. 369-369).

Se a esposa é forçada a exercer o papel de submissão, ainda mais subjugadas são as crianças, as quais diante da estrutura de poder vigente precisam silenciar-se e não podem jamais questionar as atitudes equivocadas e injustas dos adultos. A menina, mesmo diante do descaso do pai, não questiona o fato de este deixar ela e sua mãe viajarem sozinhas, dizendo apenas: “– Eu gosto, minha mãe, de voltar para o Morro Azul...”.

Como consequência da falta de preocupação do marido, Dona Dionóra “dali a pouco, teve vontade de chorar”, ressentindo-se pelo pouco caso que não merecia sofrer. Porém, dentro da estrutura social em que estava inserida, e diante do caráter violento do marido, ela não poderia se utilizar da linguagem para reclamar ou para enfrentá-lo, pelo contrário, calava-se, pois sentia medo. Ao surgir a possibilidade de um novo amor, que não a oprimisse, ela novamente se vê presa ao medo que sente do marido: “Não, só de pôr aquilo na ideia, já sentia medo... Por si e pela filha... Um medo imenso. Se fosse, se aceitasse de ir com o outro, Nhô Augusto era capaz de matá-la. Para isso, sim, ele prestava muito” (Rosa, 2001, p. 369).

A relação hierárquica assimétrica demonstrada entre marido e esposa, somada ao medo da morte que esta sentia, implica uma atitude de silenciamento linguístico por sua parte. De acordo com os conceitos trazidos por Ferrarezi Jr. (2014), em sua obra “Pedagogia do Silenciamento”, esse tipo de silêncio consiste não em um silêncio virtuoso, mas sim um silêncio vicioso, pois é resultado de uma relação de dominação pelo medo, na qual o ser dominado é tolhido em sua linguagem, pois teme sofrer represálias (Ferrarezi Jr, 2014, p. 13-15). Dessa forma, dentro de tal relação, Dionóra não possui permissão para se posicionar, tampouco para falar sobre seu sentimento de tristeza diante do descaso do marido.

Contudo, a fala de Nhô Augusto deixa de ser a fala do sujeito que possui maior poder a partir do momento em que ele se encontra com o Major Consilva, o qual havia sido inimigo do Coronel Afonso Esteves, pai de Nhô Augusto, e que agora busca destruir o filho de seu antigo rival. Representando o poder político e econômico, Major Consilva enfrenta Augusto Estêves, e em sua linguagem reflete a sua imponência. Isso pode ser observado quando, ao ver Nhô Augusto em sua fazenda, o Major diz: “- Tempo do bom acabou, cachorro do Estêves!...”. E, ainda, quando o Major dá ordem aos seus capangas a respeito de Nhô Augusto, dizendo: “- Arrastem p’ra longe, para fora das minhas terras... Marquem a ferro, depois matem.”

A linguagem do Major Consilva reflete a força de seu papel social dentro do contexto em que vive. Tal linguagem não apresenta somente força e poder, conforme pode ser percebido em “minhas terras”, mas também brutalidade, a qual pode ser constatada ao se observar os termos “arrastem”, “marquem a ferro” e “matem”. Portanto, o exercício de neutralização do inimigo político não consistia somente em expulsá-lo para longe de suas terras, mas sim em marcá-lo, como se marca gado, humilhando o inimigo e subjugando-o como objeto de sua posse.

Além de subjugá-lo e humilhá-lo, a penalidade culminaria com o assassinato desse inimigo. Evidencia-se, dessa forma, a presença das relações de poder dentro do contexto sertanejo. De um lado, um coronel valente, mas que se encontra em um momento de desvantagem política e econômica, de outro, um Major que está em vantagem em relação a esses aspectos e que usa de seu poder para tentar exterminar o oponente.

No momento que o Major executa o espancamento de seu inimigo, por meio de seus capangas, a linguagem de Nhô Augusto deixa de ser a linguagem doravante ativa e orgulhosa. Agora, a altivez fica reservada à linguagem de Major Consilva e de seus capangas: “- Não tem mais nenhum Nhô Augusto das Pindaíbas, minha gente?! E os cacundeiros, em coro: Não tem não! Tem mais não!...”.

Percebe-se, assim, que dentro da estrutura do conto, a forma como os personagens se utilizam da linguagem está relacionada ao papel social exercido por cada um dentro de um determinado contexto, ainda que dentro do mesmo *contínuo* linguístico. Essa diferenciação pôde ser percebida a partir da forma como se relacionam os personagens Nhô Augusto e Dionóra (relação marido/esposa), Nhô Augusto e Mimita (relação pai/filha), Nhô Augusto e Quim (relação patrão/empregado) e Nhô Augusto e Major Consilva (relação coronel/major).

4 A HORA E A VEZ DA VARIAÇÃO FONOLÓGICA

A variação linguística, de acordo com Coelho *et al.* (2015, p. 16), “é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. Este fenômeno, de acordo com a Sociolinguística, não deve implicar em preconceito ou discriminação da variante de menor prestígio social, antes, pode ser tomado como objeto de estudo, a fim de contribuir com a construção da compreensão da riqueza que existe no idioma. Isso porque

Palavras ou construções em variação [...] são ricas em significado *social* e têm o poder de comunicar a nossos interlocutores mais do que o significado referencial/representacional pelo qual ‘disputam’. As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certo modo, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre o local de onde viemos, o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, quando nascemos, com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações (Coelho *et al.*, 2015, p. 16).

Partindo de tal compreensão, esta seção se deterá na análise de alguns fenômenos de variação linguística fonológica dentro do conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”. Primeiramente, é possível observar uma tendência para a supressão sonora no interior de várias palavras, tendência essa que consiste em uma variação fonológica da língua denominada *síncope* (Coelho *et al.*, 2015, p. 26).

A síncope pode ser observada no trecho a seguir, que apresenta a fala de Mãe Quitéria, a mulher que cuida de Nhô Augusto durante o seu longo processo de recuperação: “– Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, Mãe Quitéria, e assim tão mole, tão sem homêcia, será que eu posso mesmo entrar no céu?!... – Não fala fácil, meu filho!... *Dei’stá*: debaixo do angu tem molho, e atrás de morro tem morro” (Rosa, 2001, p. 385).

A expressão “*dei’stá*” equivaleria a “deixe estar” provavelmente significando “deixar passar” algo. A supressão ocorrida é representada pelo sinal de apóstrofo (') e demonstra a tendência que existe no idioma para que as palavras sejam pronunciadas de forma mais simples.

Somada a essa tendência idiomática de falar as palavras de forma cada vez mais simplificada, percebe-se também a forte oralização da fala da personagem, por meio das expressões “debaixo do *angu* tem molho” e “atrás de *morro* tem morro”, as quais remetem

a elementos do sertão, que a personagem toma para compor a ideia de Nhô Augusto não precisaria se preocupar demasiadamente com o seu atual estado de tristeza e humilhação, pois adiante as coisas poderiam mudar.

A ocorrência de síncope também pode ser percebida em diversos outros trechos, como em: “E pois, foi aí por aí, dias depois, que aconteceu uma coisa até então jamais vista, e *té* hoje mui lembrada pelo povinho do tombador”, no qual ocorre a supressão da vogal *a* na palavra “*até*”; e em “– Mais galinha, um pedaço, amigo? – *Tou* feito. – E você, seu barra? – Agradecido... *Tou* encaçado... *Tou* cheio até a tampa!”, trecho no qual ocorre a supressão da primeira sílaba da palavra “estou”.

Destaca-se, ainda, a ocorrência do processo fonológico denominado *prótese do a*, que consiste no acréscimo da vogal *a* em palavras iniciadas por consoantes. Esse fenômeno pode ser percebido nos seguintes trechos: “[...] Mas o mais mal-arrumado tinha sido com o Quim, seu antigo camarada, o pobre do Quim recadeiro – se *alembra*?”; “– Eu *agaranto* que, na hora da zoeira, tu no pinguelo não gagueja!”.

Além disso, pôde ser identificada a ocorrência de *metátese*, a qual “é uma mudança linguística que consiste na troca de lugar de fonemas ou sílabas dentro de um vocábulo” (Bortoni-Ricardo, 2021, p. 90). A metátese está presente em um dos textos utilizados como epígrafe do conto: “Sapo não pula por boniteza, mas porém por *pervisão*”. Na palavra “*pervisão*” ocorre uma troca de posição entre a consoante “*r*” e a vogal “*e*”.

Dentro da fala dos personagens, o fenômeno foi identificado apenas na fala do personagem Quim, o recadeiro de Nhô Augusto, quando este se dirige ao patrão para relatar más notícias ao patrão:

– Mal em mim não veja, meu patrão Nhô Augusto, mas todos no lugar estão falando que o senhor não possui mais nada, que perdeu suas fazendas e riquezas, e que vai ficar pobre no já-já... E estão conversando, o Major mais outros grandes, querendo pegar o senhor à traição. Estão espalhando... – o senhor dê o perdão *p’r’a* minha boca que eu só falo o que é *perviso*” (Rosa, 2001, p. 372-373).

Nesse trecho da fala de Quim, também há um exemplo de síncope na expressão “*p’r’a*”, a qual equivaleria a “para a”, de modo que se realiza uma supressão da vogal “*a*” duas vezes. Esses fenômenos de variação fonológica sugerem uma adaptação da língua ao contexto regional e a tendência de busca por uma expressão oral simplificada, que seja mais fácil de pronunciar.

5 LITERATURA E SOCIOLINGUÍSTICA: POSSIBILIDADES DE USO EM SALA DE AULA

O ensino de Língua Portuguesa deve ser reflexivo e voltado para o uso, em detrimento da ultrapassada concepção jesuítica de um ensino de língua voltado para a memorização de regras e normas gramaticais (Ferrarezi Jr, 2014). Contrariando diversas práticas de ensino tradicionais que se concentram apenas na gramática normativa, o ensino de língua materna deve contemplar a compreensão da existência das diversas variedades linguísticas e da potencialidade de significados e formas que existem na língua.

Isso porque os estudos científicos já demonstraram que a língua é um organismo vivo, e que não existe forma de falar superior ou inferior, conforme Magda Soares (2017) discorre em seu livro “Linguagem e escola” (Soares, 2017). Assim, a norma culta é somente uma variedade dentre tantas outras, e a escola deve preparar os estudantes não para serem memorizadores de regras da gramática normativa, mas usuários competentes e reflexivos de sua língua materna, e isso em diferentes contextos sociais.

Ao se pensar no trabalho com textos literários em sala de aula, é importante considerar que desses textos também podem ser realizadas reflexões sobre a variação e os usos da linguagem, dentre diversos outros aspectos. Ao refletir sobre o ensino de Literatura na escola, Amorim *et al* (2022) apontam que

mais do que o acesso a um saber muitas vezes identificado como elitizado, já que boa parte dos textos literários que circulam nas escolas ainda está associada a autores consagrados, muitas vezes, do cânone da literatura nacional, as possibilidades disponíveis para o trabalho com literaturas mostram-se inúmeras: desde *aspectos linguísticos* [grifo nosso] e históricos, vinculados ao contexto de produção do texto literário, até temas ditos universais da natureza humana, os quais, frequentemente, essas obras ressignificam e atualizam, convidando-nos a refletir sobre a nossa própria existência e atravessamentos da vida (Amorim *et al*, 2022, p. 20).

Nessa perspectiva, o texto literário é um campo rico para explorar significações e usos linguísticos, de modo que um conto como “A hora e a vez de Augusto Matraga”, por exemplo, apresenta um grande potencial para se trabalhar com a Literatura e com as questões linguísticas em sala de aula. Objetiva-se com essa proposta não somente apresentar aos estudantes conceitos relativos à variação linguística, mas também promover uma experiência de aprendizagem enriquecedora, que contribua para a formação humana e cidadã desse estudante, a fim de combater o preconceito linguístico enraizado no imaginário popular.

Pensando nisso, esta seção tem como objetivo apresentar possibilidades metodológicas para a realização do estudo do referido conto em sala de aula, estabelecendo reflexões sobre a linguagem, suas potencialidades e sua complexidade ao nível de usos, convenções e variedades. Dessa maneira, o tópico a seguir aponta possibilidades para o trabalho com o conto “A hora e a vez de Augusto Matraga” nos anos finais do Ensino Fundamental.

5.1 Sugestões para o trabalho com o conto nos anos finais do ensino fundamental

Considerando a extensão do conto tomado como objeto de estudo, esta proposta está direcionada aos estudantes dos 8º e 9º anos, tendo em vista que é esperado que nessas séries os educandos possuam uma habilidade de leitura e compreensão textual mais consolidada. O quadro 1, a seguir, apresenta a sugestão de algumas competências específicas para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), que possibilitarão fundamentar esse trabalho de acordo com as normativas curriculares da legislação brasileira.

Quadro 1 – Sugestão de competências específicas para o ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental a serem utilizadas

NÚMERO	COMPETÊNCIA
1	Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
3	Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
4	Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos
5	Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
7	Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
9	Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018).

A partir das competências elencadas no quadro 1, é possível realizar um trabalho com o texto literário em sala de aula que esteja contextualizado com o documento curricular normativo e que considere as seguintes perspectivas: a língua como *fenômeno*; a língua como meio de construção de *identidades*; o texto literário como ponto de partida para a *expressão* de ideias e sentimentos e para a *aprendizagem* contínua; o desenvolvimento de uma atitude *respeitosa* diante da *variação linguística*; a *adequação* da linguagem utilizada ao contexto; identificação e análise dos *efeitos de sentido* presentes no texto; a possibilidade de experienciar um processo de *humanização* e *transformação* mediante o contato com o texto literário.

Nesse sentido, o conto “A hora e a vez de Augusto Matraga” demonstra uma clara potencialidade para explorar e desenvolver essas competências junto com os estudantes, conforme foi evidenciado nas análises das seções anteriores. Planejar uma prática pedagógica intencional que tenha como ponto de partida o texto literário pode fazer uma grande diferença em termos de aprendizagem, na concepção de uma construção conjunta e contínua.

Além das competências específicas, é necessário contextualizar a prática pedagógica de acordo com as habilidades presentes na BNCC. Desse modo, o estudo do conto pode ser realizado a fim de desenvolver as seguintes habilidades:

Quadro 2 – Sugestão de habilidades de Língua Portuguesa a serem utilizadas

CÓDIGO ALFANUMÉRICO	HABILIDADE
(EF89LP33)	Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romaneadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
(EF89LP35)	Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018).

Conforme evidencia-se nos quadros 1 e 2, essa proposta de ensino está fundamentada no documento curricular norteador da educação brasileira. Espera-se, dessa maneira, demonstrar que essa não é uma proposta descontextualizada e nem desalinhada com a normativa curricular. Além disso, considera a realidade da educação brasileira e a autonomia do professor, ao serem indicados, como sugestões, diversos caminhos possíveis para o trabalho com o texto literário em sala de aula.

Assim, tendo sido definidas as competências específicas e habilidades a serem desenvolvidas, o próximo passo é delimitar, dentre as aulas disponíveis, quantas poderão ser utilizadas para a leitura e discussão do conto. Por exemplo, caso o professor possua 5 aulas de Língua Portuguesa por semana, ele poderá reservar uma aula semanal para o estudo do conto selecionado ou mais aulas, a critério do professor.

Após selecionar a aula semanal para a leitura do conto, o professor poderá utilizar de três a quatro destas aulas para realizar a leitura corrida do conto em sala de aula, considerando as pausas para comentários e discussões. Em relação ao momento de leitura, é importante considerar que muitas escolas não possuem estrutura para tirar cópias do conto para todos os estudantes. Considerando essa realidade, o professor pode utilizar estratégias como tirar menos cópias do conto e dividir a classe em grupos, para que possam realizar a leitura. Ainda, é possível projetar o texto no projetor de multimídia/datashow, para que os estudantes possam ler o texto projetado. Caso não haja a possibilidade de utilizar textos impressos e nem o projetor de multimídia/datashow, “a leitura em voz alta cuidadosa e realizada pelo professor, enquanto os alunos acompanham a história apenas pela escuta pode ser um caminho” (Amorim *et al*, 2022, P. 34-35).

Durante a realização da leitura, caso seja possível que todos tenham acesso ao texto, o professor deve incentivar que cada aluno leia um parágrafo ou um trecho do conto, de modo que todos sejam motivados a participar da leitura, desenvolvendo, assim,

suas habilidades de leitura e oralidade. Uma outra forma de conduzir esse momento pode ser a leitura suspensa, a qual Amorim *et al* (2022, p. 35) também propõem na obra “Literatura na escola”, “[...] na qual o professor pausa a história um pouco antes do fim e propõe discussões sobre a conclusão, tendo como referências pistas deixadas no texto”.

Ao final dos momentos de leitura compartilhada do conto, o professor poderá dividir a turma em grupos e pedir para que cada grupo identifique a presença da variação linguística em determinado trecho do conto, e que depois compartilhem para a turma os tipos de variação que identificaram e digam se é uma variação baseada em características geográficas, sociais, profissionais, históricas etc. Por meio dessa atividade, os alunos serão incentivados a treinar seus olhares em relação à presença da variação linguística dentro do texto literário, assim como os fatores de ordem social que envolvem essas variações.

Uma outra sugestão é que após as leituras sejam promovidas discussões relacionadas à adequação da linguagem ao contexto social. Uma atividade que pode ser feita durante esse momento é distribuir aos alunos trechos do texto e solicitar que reescrevam esse mesmo trecho no caderno, adequando a linguagem utilizada a contextos mais formais.

Em seguida, o professor poderá ministrar uma aula explicando os conceitos de língua e variação linguística, destacando no conto trechos que apresentam uma variedade mais informal da língua e trechos que apresentam a variedade culta da língua. O professor pode, ainda, selecionar e apresentar trechos que foram analisados na seção 4, a fim de demonstrar para os alunos que a língua sofre uma tendência para a variação, e que a norma padrão existe para que se mantenha a unidade linguística.

Propõe-se para esse trabalho com o conto um processo de avaliação contínua, no qual o professor deverá observar se o aluno está conseguindo realizar processos cognitivos como: leitura e compreensão do que lê; identificação das variantes dentro da estrutura do conto; compreensão da dimensão do idioma, percebendo que a existência das diversas variantes está diretamente relacionada à extensão do território nacional e ao caráter mutável do idioma, que pode sofrer variação a nível de região, classe social, profissão, época etc.; demonstração de atitude respeitosa diante das variantes linguísticas; compreensão da necessidade de adequação do tipo de linguagem utilizada aos diversos contextos sociais.

Uma opção de atividade/avaliação é a reescrita do conto, com solicitação de que os alunos criem um outro final para a história, apresentando um desfecho alternativo para Nhô Augusto, caso ele decidisse entrar para o grupo de jagunços do personagem Joãozinho Bem-bem. Essa proposta de atividade contempla a habilidade EF89LP35, que requer que os estudantes, dentre outros gêneros narrativos, sejam capazes de produzir textos no gênero conto.

Ainda como opção de avaliação, sugere-se a realização da prática de autoavaliação, que pode ser aplicada por meio de questionário, no qual o aluno responderá perguntas relativas aos critérios mencionados no parágrafo anterior. Uma outra opção, é realizar uma atividade de produção textual, solicitando ao estudante que selecione um dos temas a seguir e discorra sobre: “O que é variação linguística?”; “Por que é necessário ter uma atitude respeitosa diante de quem fala diferente?”; “Preconceito linguístico: o que é e

como combatê-lo?"; "Por que é necessário adequar a linguagem ao contexto?", utilizando trechos do conto para exemplificar e/ou sustentar seus argumentos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, verifica-se que a Literatura reflete as questões sociais que envolvem o exercício linguístico, possibilitando visualizar a linguagem como em um quadro: seus usos, suas convenções, suas variedades. No espaço literário é possível analisar a ocorrência do fenômeno da variação linguística, assim como as questões sociais que envolvem o uso da linguagem. Nesse sentido, o texto literário configura-se como um espaço legítimo para a análise dos aspectos sociais da linguagem

Nesse sentido, este estudo evidenciou que no conto analisado há a presença marcante do *contínuo* de monitoração linguística, que pode ser percebido por meio da ocorrência de um maior nível de monitoração para a fala do narrador, e um menor nível de monitoração para a fala dos personagens. Além disso, há uma diferenciação entre os papéis sociais dos próprios personagens, ainda que dentro do mesmo *contínuo* linguístico. Essa diferenciação pôde ser percebida a partir da forma como se relacionam os personagens Nhô Augusto e Dionóra (relação marido/esposa), Nhô Augusto e Mimita (relação pai/filha), Nhô Augusto e Quim (relação patrão/empregado) e Nhô Augusto e Major Consilva (relação coronel/major).

No âmbito da variação linguística fonológica, foram analisados no conto fenômenos como a síncope, a "prótese do a" e a metátese, os quais implicam, respectivamente, na supressão de sons no interior da palavra, no acréscimo da vogal *a* antes de palavra iniciada por consoante e na troca da posição de duas letras no interior da palavra. Tais fenômenos demonstram a presença marcante da variação linguística no âmbito da literatura e, em especial, na escrita rosiana.

O conto, portanto, reflete as variações linguísticas que podem ser percebidas no português brasileiro e os jogos de poder relacionados aos usos linguísticos. A partir dessas relações entre Literatura e linguagem, é possível realizar, no contexto das aulas de língua materna, um trabalho de reflexão a respeito dos usos linguísticos e suas implicações: variação linguística, papéis sociais e adequação da linguagem ao contexto.

Por isso, este artigo também apresentou uma proposta de trabalho com o conto "A hora e a vez de Augusto Matraga" em sala de aula, contemplando a perspectiva sociolinguística e o desenvolvimento de competências específicas para o ensino de Língua Portuguesa previstas na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

Espera-se que por meio desse exercício de reflexão se suscitem novos olhares a respeito da Língua Portuguesa, enquanto objeto que apresenta alto grau de complexidade e que está em constante evolução. Por meio de tal compreensão, será possível atuar de forma mais eficaz no combate à mazela do preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. A. de; DOMINGUES, D.; KLAYN, D. V.; SILVA, T. C. da. *Literatura na escola*. São Paulo: Contexto, 2022

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Português brasileiro, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2021.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 29 ago 2024.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria, SOUZA; Christiane Maria Nunes de; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CRESWELL, John Ward. *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2021.

FERRAREZI JR., Celso. *Pedagogia do Silenciamento*. São Paulo: Parábola, 2014.

MORAIS, Maria Perla Araújo, COSTA, Felipe de Carvalho. As relações de poder em famigerado, de Guimarães Rosa. *Porto das Letras*, 7(3), 356-374, 2021. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/12390>>. Acesso em 04 ago. 2024.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Contexto, 2017.